

Reportagem Especial*

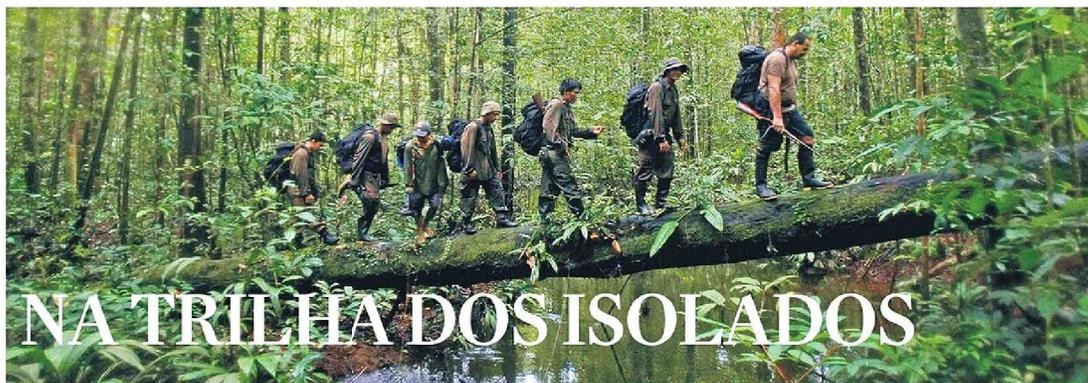
Questão Indígena



Katukinas.
Etnia foi visitada pela equipe

estadao.com.br

Expedição. Mande perguntas pelo twitter @tvestadiao e assista às repostas amanhã às 17h
<http://tv.estadao.com.br/>



NA TRILHA DOS ISOLADOS

Expedição da Fundação Nacional do Índio (Funai) passa dois meses no sudoeste do Amazonas em busca de vestígios de índios isolados, não-contactados

Roberto Almeida / TEXTOS
JP Diório / FOTOS
RIOS SOLIMÕES, JUTAI, BOIA E BIA (AM)

Às 16h30 do dia 1º de dezembro de 2009, um barco de madeira da Funai com 13 pessoas a bordo começou a descer lentamente pelo Rio Solimões. O motor roncava forte, constante, e uma leve brisa enfim aliviava o sol que massacrava a tripulação no porto de Tabatinga, extremo oeste do Amazonas.

O que era projeto, mapa, planilha e expectativa do indigenista Riel Francisco, chefe da expedição, começa a virar realidade. Cinco índios e cinco mateiros, acompanhados pela reportagem do Estado, estavam sob seu comando na mais ambiciosa jornada da Frente de Proteção Etnoambiental Vale do Javari dos últimos oito anos.

Em três grandes entradas na mata, o grupo de expedicionários tentaria encontrar indícios da existência de grupos indígenas desconhecidos,

não-contactados. Prazo de retorno imprevisível. Dois meses de viagem pelo menos.

O objetivo era verificar três hipóteses. A primeira, sobre a suposta ação de indígenas na formação de uma clareira em formato de perfeita circunferência, observada em sobrevoo realizado pela Funai meses antes. A segunda, avaliar a veracidade de boatos que ligariam dois assassinatos de não-índios, parentes de madeireiros, por "índios bravos".

E a última, uma suposta aparição na aldeia Janela, da etnia katukina, no Rio Bia, de um índio nu, pintado de urucum e com cabelos longos. Ele teria tentado raptar uma jovem, o que criou um alívio mítico entre os katukinas.

Jornada. Quando o barco partiu naquela tarde de dezembro, tudo parecia simples. Navegar pelos grandes rios, subir igarapés em voadeiras e caminhar pela floresta com olhar atento para vestígios deixados por índios não-contactados. Para vestir roupas leves e resistentes. Para comer, o básico arroz, farinha, feijão, carne seca e macarrão. Para dormir, rede, mosquiteiro e lona.

No entanto, os imprevistos de uma expedição de grande porte acabam es-

tressando o não-índio, cansando o índio e deixando o indigenista com a difícil tarefa de manter os ânimos em sintonia com o trabalho duro. Especialmente porque, em duas entradas, os indícios de existência dos índios não-contactados não se comprovaram.

Ao todo, a jornada teve 63 dias, alguns de total monotonia, outros de cansaço extremo, e raros momentos de grandes descobertas. A paisagem amazônica, imaginosa, tem surpresas a cada instante, o que não é verdade. É raro encontrar animais.

Além disso, houve grande apreensão no fim de dezembro, quando ocorreu um encontro direto e inesperado com garimpeiros encapuzados, assustados com a presença do barco oficial no Rio Boia. Enquanto a equipe navegava a cerca de 10 km/h, dois deles deixaram o trabalho na balsa de extração de ouro e rasgaram o rio em uma voadeira sem identificação e fizeram gestos ameaçadores para a equipe.

"Eles não são loucos de fazer alguma coisa", acalmava Francisco. Não fizeram, mas a sensação de vulnerabilidade tomou conta de todos. So evanescer quando ficou comprovado que eles haviam deixado a área de exploração um

PARA ENTENDER

Por que realizar a expedição?

O objetivo da expedição da Funai era encontrar e documentar vestígios da existência de índios isolados, não-contactados, a fim de reunir evidências suficientes demarcar terras. E, conseqüentemente, protegê-los do avanço de garimpeiros, traficantes e madeireiros que atuam na região. A política da Coordenação-Geral dos Isolados (CGI), da Funai, prevê que os não-contactados assim permaneçam.

mês depois, já em janeiro de 2010, quando o barco retornava da terceira fase da expedição.

Fôlego. Por outro lado, quando foram encontrados vestígios dos não-contactados, logo antes do Natal passado, a equipe ganhou fôlego necessário. A área, que nunca havia sido expedicionada, era de

Longo trajeto.
À direita, o chefe da expedição, Riel Francisco, lidera os mateiros Jeremias, Misael, Rafael, Carnaval, Anderson e Bini Matis

perambulação de um grupo que teria partido de dentro da Terra Indígena Vale do Javari para caçar. Nada que confirmasse, porém, a ocupação da área. Não havia tapiris - acampamentos rudimentares -, ou sinais de uso da terra.

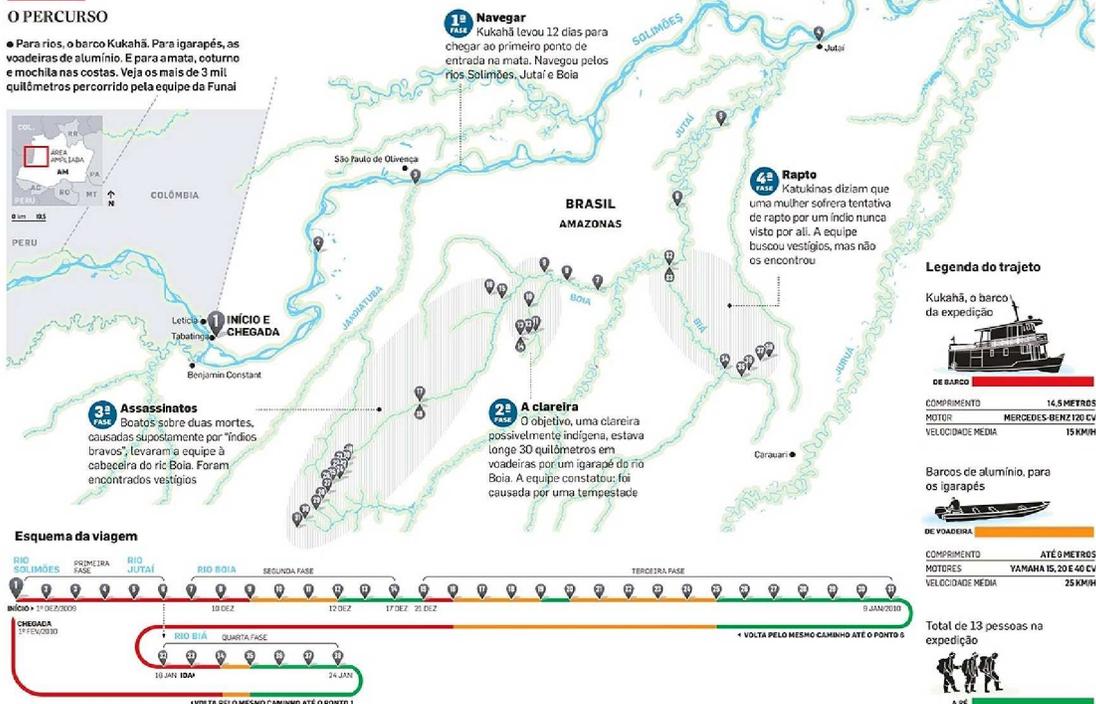
"Trabalhar com índio isolado é assim mesmo", dizia em seu parquinho português o índio Txami Matis, mais experiente da missão. "É assim mesmo", para ele, significa superar a impaciência e o desconforto por um bem maior, que nem sempre ocorre - a demarcação da terra e a proteção do não-contactado.

No dia 1º de fevereiro, mais de 3 mil quilômetros percorridos depois, o barco da Funai encostou novamente em Tabatinga. A equipe, que havia operado voadeiras, motosserras e caminhão cerca de 150 quilômetros em áreas encobertas, cruzando igarapés e igarapés, não escondia a alegria de voltar para a cidade. Era um domingo de sol, o telhado brega e a cumbia colombiana tocavam soltos nos bares de Tabatinga.

Único a não querer descer do barco da Funai foi o indigenista Riel Francisco. "Tenho nada pra fazer na cidade não", avisou. "Se não quer apunhar, não sai de casa", brincava o mateiro e índio ticuna Misael.

O PERCURSO

• Para rios, o barco Kukahã. Para igarapés, as voadeiras de alumínio. E para mata, coturno e mochila nas costas. Veja os mais de 3 mil quilômetros percorridos pela equipe da Funai



63 DIAS ENTRE RIOS, IGARAPÉS E VESTÍGIOS

Equipe desafiou a floresta, investigou boatos e viu sinais deixados por índios não-contatados

Só 12 dias depois de sair de Tabatinga é que o barco da expedição, Kukahá, conseguiu contornar a Terra Indígena Vale do Javari, deixando para trás os rios Solimões e Jutai. O longo trajeto até a boca do Rio Boia, um afluente menor, de água preta, serviu para mostrar que o tempo na Amazônia tem outra dimensão.

Horas, minutos e segundos saem de cena. Dias, semanas e meses aparecem como referencial. O tempo se arrasta para quem não está acostumado e enclausurado em um barco de 30 m² com 13 pessoas. A paisagem homogênea - marrom na água, verde na margem, azul no céu - pouco ajuda.

No trajeto, enquanto a primeira entrada se aproximava, o indigenista Riel Franciscato distribuía feções e equipamentos de sobrevivência. Os rifles de caça foram revisados. A ansiedade aumentava.

Na véspera, Franciscato fez a divisão do "rancho" que seria levado até o acampamento-base na mara. Foram embarcados em dois barcos de alumínio uma motosserra e um gerador de luz, farinha, arroz, sardinhas, pacotes de bolacha de água e sal e suco artificial. Soros antifóidico e testes de malária.

Ao meio-dia do dia 12 de dezembro, nove membros da expedição partiram em direção à clareira supostamente feita por índios não-contatados. Igarapé adentro, com vento no rosto, a palmeira buri se espreguejava sobre a água como um guarda-chuva verde. A bromélia vermelha contrastava, a 20 metros de altura. O sol explodia no céu azul.

Quando a clareira estava próxima, a menos de 5 quilômetros, o clima de decepção tomou conta. Não havia vestígios indígenas. Franciscato ficou 15 minutos em silêncio. Acendeu um longo cigarro enrolado com folha de caecero. "É, achei que a gente já estaria comado chicha (bebida de frutas fermentadas) com os 'paisrentes', desabafou, brincando.

A clareira não passava de uma área em que árvores foram derrubadas por uma tempestade. "Boa volta então", ordenou Franciscato. Ainda falavam das entradas para cumprir a missão.

Segunda entrada. Dia 22 de dezembro de 2009, parado na beira do Rio Boia, rifles cansados e usando em bicas, o matoeiro e índio Kanamari Wilson tirou um galho do bolso e espreguejava a equipe. "O que quebrada! Eu com rede de parca-to bravo!" Franciscato, mesmo avesso à



Diversão. Garotos katukinas da aldeia Boca do Biá, no Rio Jutai; etnia convive com mito do "índio bravo"

"bagunça" das festas de fim de ano, não resistiu. "É nosso presente de Natal."

O galho que Wilson encontrou quebrado é o vestígio que a Frente procurava, 400 quilômetros ao sul da clareira. Após o deslante da primeira fase, era o grande sinal de índios não-contatados da expedição.

A nova incursão



QUEM É

RIEL FRANCISCATO
INDIGENISTA

* Durante 2006 e 2009, o indigenista foi chefe da Frente de Proteção Etnoambiental Vale do Javari, uma das maiores áreas indígenas do Brasil, com 8,5 milhões de hectares - tamanho de Santa Catarina. Desligou-se do cargo exatamente neste fim de semana para continuar seu trabalho em Rondônia, onde iniciou sua carreira na Funai.

começara no dia 21 de dezembro para confirmar relatos de ribeirinhos: a mulher de um madeireiro e a filha de outro teriam sido mortos por "índios bravos" nos últimos cinco anos.

Galhos quebrados, porém, não eram suficientes para afirmar que índios não-contatados ocupam a área. E assim se desenhava a missão mais longa da expedição. Foram sete dias no barco de alumínio, a motosserra gritava nos igarapés para poder abrir caminho. Mas não avançava cinco quilômetros por dia.

Quando finalmente a Frente chegou ao ponto de início da caminhada, após topar com picadas de cobras e escorpídeos, já era 30 de dezembro, quase 2010. O trajeto a pé, de 50 quilômetros em linha reta, passou por áreas encharcadas e travessias perigosas de igarapés. Mas os vestígios desapareceram.

"Fomos longe mesmo", suspirava o matoeiro e índio marubo Tapumá, após retornar ao acampamento-base no dia 6 de janeiro. "Não encontramos nada", dizia um cansado Franciscato.

O caso dos assassinatos restou inconclusivo. Ficou claro, no entanto, que índios não-contatados de um grupo conhecido da Terra Indígena Vale do Javari

estio fora da área demarcada, desprotegidos, e requerem monitoramento, culpa do avanço do garimpo na região.

Raio de mulher. Dia 19 de janeiro deste ano, Franciscato decidiu investigar o suposto rapto de uma mulher da etnia katukina no Rio Biá, afluente do Rio Jutai. Para sustentar a tese, o indigenista entrevistou katukinas de três aldeias - Boca do Biá, Janela e Bacuri.

Foram duas palavras-chave: quebrada e varadouro. O índio katukina Camaval disse que sabia onde estavam os vestígios e acompanhou a equipe na entrada, por cinco dias.

Entanto, ao final do trajeto de 30 quilômetros a pé, ficou claro que não passava de invenção. Os katukinas temem o "índio bravo" e uma aparição justificaria disputas por mulheres e território, sem gerar conflito imediato entre os membros da etnia.

Ao final da expedição, índios das aldeias Janela e Bacuri se divertiram ao saber que a história tinha ultrapassado os limites das aldeias e chegou a Manaus, Brasília e São Paulo. Hora da expedição retornar a Tabatinga, com a certeza do dever cumprido: checar.

MACACO, MUTUM E MATRINXÃ NA PANELA

O baque oco do rifle calibre .20 ecoou na mata espalhando o chumbo. O estampido do rifle .22 teve direção certa na penumbra cerrada. Cairam mutum, jacu, macaco-aranha, macaco-barrigudo, macaco-guariba. Tombaram veado-roxo, paca, cotia e anta.

A expedição caçou praticamente todos os dias em que esteve na selva. Proteína para misturar com a farinha, o arroz, o feijão e o macarrão.

Quando não havia caça, o jeito era a pesca. Surubins, pacus, piranhas, piabas, mandis e matrinxãs, que por vezes não vieram o suficiente, deixando barriga roncã e o ânimo de índios e matoeiros lá embaixo.

Alimentar-se na selva é a tarefa mais complicada - e crucial - da expedição. Índios membros da equipe rejeitam o alimento industrializado, preferem a carne de macaco. Amarram o "casaco", como dizem, tratam o "bucha", desmembram e atiram na panela. Braços, pernas, costelas e cabeça cozidos na água do igarapé mais próximo, com sal, alho e cebola. No espeto que fumaça na brasa, fígado e coração, partes nobres.

No preto, os midos vão no arroz e farinha, viram caldo proteico. "Macaco não é milina carne preferida, mas se é o que tem", resignava-se o indigenista Riel Franciscato.

Da cabeça do macaco, os índios roem os músculos da face. Em seguida quebram o maxilar em busca da língua. Trincam o crânio, retiram o cérebro cozido e misturam com a farinha para comer.

Com todos os animais era assim. Nenhuma parte foi desperdiçada. "É pela subsistência deles na mata, é cultural, é assim", explicava Franciscato.

Peso insuportável. A expedição sobreviveu da mata em quase todos os dias, porque é impossível carregar alimentos nas pesadas caminhadas. As

Instintivo

MISAEL RAMOS

MATEIRO

"Eu gosto de mão, meu lugar é aqui, eu gosto mesmo. Desde pequeno corria descalço, já pra caçar"

mochilas tinham pelo menos 30 quilos cada, só em roupas, equipamentos e rancho.

Havia, além de rádio comunicador, aparelhos de localização via satélite e baterias, arroz, macarrão, feijão, sal, sardinhas, clara, aspargos, pratos e talheres. Mais 10 quilos de carne tornariam a empreitada impossível.

Pela importância que tem para a expedição, caçar bem é símbolo de status. O matoeiro e índio ticuna Misaél, sempre com rifle à mão, trazia o jantar orgulhoso do que havia conseguido. "Eu gosto de mão, eu caço, eu gosto mesmo", dizia.

Misaél e os índios Wilson Kanamari e Tapumá Maruborealizavam uma disputana da silenciosa. Desde o momento que "entravam as malhadeiras" - o que pode ser traduzido como costurar suas redes de pesca - a, até recolher a quantidade de peixes enredados e tratá-los para a janta.

Misaél, sempre provocador e divertido, ataca os ânimos, depois de puxar um matrinxã após o outro em cinco minutos de pesca com linha de mão, na cabeceira do Rio Boia. "Quem não sabe pescar só atrapalha", gargalhava.

Já o matoeiro matis Txami, menos adepto da caça com rifles e da pesca com redes e anzóis, carregava no pescoço um colar feito com dentes de 32 macacos, dizia ele, abastidos com zarabatana embebida em veneno natural. Macaco-aranha, guariba ou barrigudo, tanto faz. Cabava-se do feito. E vendia o item artesanal por R\$ 100.



MSC

Ar do Sul

Proveite nossas promoções especiais⁽¹⁾ e embarque em uma inesquecível viagem pela América do Sul com a empresa líder em cruzeiros no Brasil.

<p>MSC Opera - 5 noites</p> <p>Santos - Rio de Janeiro Porto Belo - Ilhabela Embarque: Santos - Saída: 24/03/2010 a partir de 10x de R\$ 51,00⁽²⁾</p> <p><small>preço por pessoa em cabine dupla, sem entrada e sem juro⁽³⁾</small></p>	<p>MSC Opera - 7 noites</p> <p>Santos - Rio de Janeiro Salvador - Ilheus - Buzios Embarque: Santos - Saída: 29/03/2010 a partir de 10x de R\$ 73,00⁽²⁾</p> <p><small>preço por pessoa em cabine dupla, sem entrada e sem juro⁽³⁾</small></p>	<p>MSC Orchestra - 5 noites</p> <p>Santos - Rio de Janeiro Porto Belo - Ilha Grande/Angra Embarque: Santos - Saída: 31/03/2010 a partir de 10x de R\$ 69,35⁽²⁾</p> <p><small>preço por pessoa em cabine dupla, sem entrada e sem juro⁽³⁾</small></p>																					
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="width: 33%;">Navios / Noites / Saídas</th> <th style="width: 33%;">Destinos</th> <th style="width: 33%;">Preços</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>MSC Opera - 3 noites - Saída: 05/04</td> <td>Santos - Rio de Janeiro - Ilha Grande/Angra</td> <td>10x de R\$ 36,41⁽²⁾</td> </tr> <tr> <td>MSC Orchestra - 4 noites - Saída: 09/04</td> <td>Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra</td> <td>10x de R\$ 41,30⁽²⁾</td> </tr> <tr> <td>MSC Orchestra - 3 noites - Saída: 13/04</td> <td>Santos - Rio de Janeiro - Buzios</td> <td>10x de R\$ 41,30⁽²⁾</td> </tr> <tr> <td>MSC Opera - 4 noites - Saída: 15/04</td> <td>Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra</td> <td>10x de R\$ 41,30⁽²⁾</td> </tr> <tr> <td>MSC Opera - 4 noites - Saída: 19/04</td> <td>Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra</td> <td>10x de R\$ 41,30⁽²⁾</td> </tr> <tr> <td>MSC Opera - 4 noites - Saída: 26/04</td> <td>Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra</td> <td>10x de R\$ 41,30⁽²⁾</td> </tr> </tbody> </table> <p><small>Preço por pessoa em cabine dupla, sem entrada e sem juro⁽³⁾</small></p>			Navios / Noites / Saídas	Destinos	Preços	MSC Opera - 3 noites - Saída: 05/04	Santos - Rio de Janeiro - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 36,41⁽²⁾	MSC Orchestra - 4 noites - Saída: 09/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 41,30⁽²⁾	MSC Orchestra - 3 noites - Saída: 13/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios	10x de R\$ 41,30⁽²⁾	MSC Opera - 4 noites - Saída: 15/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 41,30⁽²⁾	MSC Opera - 4 noites - Saída: 19/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 41,30⁽²⁾	MSC Opera - 4 noites - Saída: 26/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 41,30⁽²⁾
Navios / Noites / Saídas	Destinos	Preços																					
MSC Opera - 3 noites - Saída: 05/04	Santos - Rio de Janeiro - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 36,41⁽²⁾																					
MSC Orchestra - 4 noites - Saída: 09/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 41,30⁽²⁾																					
MSC Orchestra - 3 noites - Saída: 13/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios	10x de R\$ 41,30⁽²⁾																					
MSC Opera - 4 noites - Saída: 15/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 41,30⁽²⁾																					
MSC Opera - 4 noites - Saída: 19/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 41,30⁽²⁾																					
MSC Opera - 4 noites - Saída: 26/04	Santos - Rio de Janeiro - Buzios - Ilha Grande/Angra	10x de R\$ 41,30⁽²⁾																					
<p>AGAXTUR TURISMO (11) 3067-0900 www.agaxtur.com.br</p>	<p>MAJESTUR (11) 3021-5008 www.majestur.com.br</p>	<p>CASA DO AGENTE (11) 3124-6433 www.casadoagente.com.br</p>																					
<p>AMERICANAS.COM 4003-4313 viagens.americanas.com.br</p>	<p>VIAGENS VISUAL (11) 3235-2030 www.visualturismo.com.br</p>	<p>NASCIMENTO TURISMO (11) 3156-9844 www.nascimento.com.br</p>																					
<p>CENTRAL MARITIMA BRASIL (11) 3428-2500 / 0800-841-6100 www.centralmaritimabrasil.com.br</p>																							
<p>SUBMARINO VIAGENS 4003-9888 www.submarinoviagens.com.br</p>																							



MSC
CRUZEIROS

EM PARCERIA COM PROTEÇÃO AO TURISTA

www.msccruzeiros.com.br

Preço base em dólares por pessoa em acomodação dupla, cat. 1, cabine interna, concedidos em mais do dia efetivo da aquisição. Câmbio de referência publicado de US\$ 1,00 = R\$ 1,83 de 15/03/2010, sujeito a disponibilidade em data posterior. (1) Promoção especial válida por tempo indeterminado, podendo sofrer alterações sem prévio aviso, no dia 31 de março de 10 cabines por saída. (2) Tarifas publicadas referentes a saída MSC Opera, 5 noites, 24/03/2010, somente parte máxima, a partir de R\$ 510,00 (US\$ 275) por pessoa em cabine dupla, sem entrada e sem juro, embarque Santos. (3) Tarifa publicada referente à saída MSC Opera, 7 noites, 29/03/2010, somente parte máxima, a partir de R\$ 730,00 (US\$ 399) por pessoa em cabine dupla, sem entrada e sem juro, embarque Santos. (4) Tarifa publicada referente à saída MSC Orchestra, 5 noites, 31/03/2010, somente parte máxima, a partir de R\$ 693,50 (US\$ 375) por pessoa em cabine dupla, sem entrada e sem juro, embarque Santos. (5) Tarifa publicada referente à saída MSC Opera, 3 noites, 05/04/2010, somente parte máxima, a partir de R\$ 364,10 (US\$ 198) por pessoa em cabine dupla, sem entrada e sem juro, embarque Santos. (6) Tarifa publicada referente à saída MSC Orchestra, 3 noites, 09/04/2010, ou 4 noites, 09/04/2010, somente parte máxima, a partir de R\$ 413,00 (US\$ 223) por pessoa em cabine dupla, sem entrada e sem juro, embarque Santos. (7) Condição de pagamento em 10x sem entrada e sem juro válida por tempo indeterminado. Válido para vendas de cruzeiros na América do Sul. Condições sujeitas a alterações sem prévio aviso. Consulte outras formas de pagamento. Taxas de serviço, aéreo, portuais e operacionais não incluídas.